

DIÁLOGOS E CONVERSÇÕES COM A ECONOMIA POLÍTICA DO PODER

Diego Iturriet Dias Canhada¹

INTRODUÇÃO

Quando recebi o convite para escrever um texto para compor essa edição especial da Revista Farol em homenagem ao professor José Henrique de Faria, confesso que me senti um privilegiado e, de certo modo, também homenageado. Não fui orientado pelo professor Faria, não me considero marxista e tampouco estou vinculado à Economia Política do Poder. Entretanto, a influência que teve o Prof. Faria no meu pensamento – e o afeto e admiração que tenho pelo mesmo – são evidentes. Nesse sentido, me sinto lisonjeado pela oportunidade de escrever essas linhas sobre um dos maiores intelectuais que conheci e dos melhores professores que tive na minha trajetória acadêmica. Em vez de discutir em detalhe a sua obra, o que certamente outros podem fazer com mais competência e propriedade, prefiro contar em primeira pessoa como lhe conheci e tentar explicar porque sua pessoa e abordagem teórica foram e são tão importantes para minha construção como pesquisador, pensador, professor, militante e ser humano.

¹ Mestre em Administração pela Universidade Federal do Paraná. Senior User Researcher na Cabify (Espanha). <http://lattes.cnpq.br/9196313112875251>. Orcid não informado. diego_canhada@yahoo.com.br. Endereço para correspondência: Calle Fernández de los Ríos, 62 - 2C, Código postal 28015, Madrid, España. Telefone: (+34) 630402513.

Na época em que cursava minha graduação em Administração na UFPR, há quase 20 anos, participei ativamente do movimento estudantil da Universidade. Uma de nossas bandeiras era a Qualidade de Ensino em Administração. Os alunos se queixavam constantemente da falta de preparo e dedicação dos professores, assim como de sua negligência com a graduação. Suas principais críticas eram que alguns professores simplesmente repetiam os mesmos conteúdos há décadas, enquanto investiam todos seus esforços pedagógicos na pós-graduação *lato sensu*: os famosos MBAs, que eram cursos privados na Universidade pública. Meu primeiro contato com o Prof. Faria foi nessa época e de forma indireta, já que não tive a oportunidade de ter aulas com ele na graduação e nem de conhecê-lo pessoalmente naqueles tempos. Entretanto, lembro-me que em uma das avaliações da qualidade do curso que implementamos através do Centro Acadêmico, ele obteve a melhor nota entre todos os professores avaliados e a imensa maioria dos alunos lhe dava nota máxima. Mais curioso ainda foi descobrir, algum tempo depois, que se tratava de um marxista em uma escola de negócios.

Anos depois, quando eu estava completamente insatisfeito com o conteúdo transmitido na graduação em Administração, resolvi cursar o mestrado na Universidade e dedicar-me aos Estudos Organizacionais: esse sim, um campo de conhecimentos que me interessou desde que tomei contato com o mesmo e que, infelizmente, mal era abordado no programa curricular da graduação. Conversando com alunos do mestrado e começando a ler artigos e livros sobre o tema, novamente apareceu o nome do Prof. Faria como uma das grandes referências do programa de pós-graduação *stricto sensu*. Na busca por conhecer um pouco melhor o território em que eu estava me inserindo e as diversas perspectivas que constituíam esse campo, assim como a produção dos professores que faziam parte do programa, acabei me deparando com o primeiro volume do livro "Economia Política do Poder", que havia recém saído do forno.

No primeiro parágrafo da obra, ainda na seção de "Considerações Iniciais e Agradecimentos", já ficou claro que não se tratava de uma obra qualquer e, para mim, foi um verdadeiro choque. Faço questão de transcrevê-lo literalmente aqui:

Querer, definitivamente, não é poder. O desejo não resulta necessariamente em sua realização, mas sem ele não há possibilidade concreta de se construir um caminho, de ser sujeito crítico e ativo da história, mais apropriadamente, sujeito coletivo capaz do desejo de mudança. Estudar as relações de poder e de controle significa debruçar-se sobre um processo no qual o desejo de mudança é fundamental, mas não é decisivo. É preciso que ao mesmo corresponda uma ação e é aí que se estabelecem estas relações complexas e contraditórias da vida em sociedade. Um estudo desta natureza, deste modo, não é um julgamento maniqueísta, no qual todo capitalista aparece como um sujeito perverso e todo trabalhador como uma vítima infeliz, mas uma análise em que se reconhece que o capital acumula a partir da exploração do trabalho não-pago e, em vista disso, constitui-se um sistema de exclusão social. Entendo, como Freud, que o sujeito é bom e perverso ao mesmo tempo e que nenhum sistema econômico ou político-social será capaz de alterar a natureza humana. Trata-se, portanto, de reclamar um sistema econômico justo e uma superestrutura democrática, em que todos os sujeitos sejam a origem e o principal objetivo da vida coletiva. Uma sociedade autogerida necessita de regras e de controles tanto quanto uma sociedade capitalista, mas seus fundamentos diferem radicalmente desta, pois, enquanto a autogestão tem o sujeito individual e coletivo como objetivo, o capitalismo tem o lucro como seu alvo (Faria, 2004, p. 11).

O filósofo Gilles Deleuze, no parágrafo de abertura de *Diferença e Repetição*, uma de suas obras centrais, diz que é frequentemente dito que os prefácios devem ser lidos apenas no fim e que, inversamente, as conclusões devem ser lidas no início. Tenho dúvidas se esse parágrafo, e todo prefácio, deveriam ser lidos apenas no fim. Entretanto, creio que é um parágrafo que sim deveria ser lido novamente no fim do livro e, talvez, durante a leitura do mesmo. Isso estaria inclusive de acordo com a tradição dialética de pensamento do qual essa obra faz parte, compreendendo que a

linguagem, enquanto real pensado, expressa e busca representar a totalidade do real concreto. Entretanto, o real concreto é uma síntese de múltiplas determinações e não possui a estrutura linear da linguagem. Nesse sentido, ainda que esse seja um parágrafo introdutório, já diz muito sobre a proposta do prof. Faria, de seus objetivos e a qual tradição de pensamento a obra se vincula.

A Economia Política do Poder é uma obra grandiosa e de uma profundidade ímpar. Não deixa nada a desejar a grandes obras no âmbito do que se conhece como Ciências Humanas e Sociais. No campo dos Estudos Organizacionais, deveria ser leitura obrigatória a qualquer um que quisesse conhecer como a Teoria Crítica – especialmente no que se conhece como primeira fase da Escola de Frankfurt – se realiza e se desenvolve na Administração. Se um dos grandes objetivos dessa escola de pensamento é fazer emergir as contradições do sistema capitalista, creio que poucas vezes esse objetivo foi atingido de forma tão competente. O que o professor Faria consegue, em sua obra, é mostrar como o que se conhece como Teoria Geral da Administração é, na verdade, uma ideologia que tem, por objetivo central, legitimar e contribuir com a reprodução do sistema de capital exatamente onde isso acontece: nas unidades produtivas sob o comando do capital.

Depois de ler os três volumes dessa obra, tive então a oportunidade de ser seu aluno no mestrado, na disciplina que levava o nome dos seus livros, onde pude ter o prazer de relê-los e, dessa vez, aprender discutindo com ele. E depois também fui seu aluno, mais uma vez, em uma disciplina optativa que ele decidiu ministrar aos interessados da pós-graduação *stricto sensu*. Epistemologia das Ciências Sociais. Quanto mais passa o tempo, mais eu tenho a certeza que foram oportunidades únicas. Creio que poucas pessoas têm a possibilidade de estudar esses temas tendo um intelectual e pesquisador desse porte como professor. E, talvez o mais importante, com a dedicação, disciplina e compromisso que o mesmo possui com suas aulas, com o conteúdo que ministra e com o processo de aprendizagem de seus alunos.

Ao terminar meu mestrado, praticamente houve um hiato de 10 anos em nossa relação. No ano de 2020, vivendo a pandemia aqui em Madrid, comecei a escrever alguns Diários de Quarentena e, após certo tempo, criei uma *live* chamada Caos Pandêmico, em que a ideia era discutir sobre nossa época, geralmente com convidados dos mais diversos tipos. Em uma dessas *lives*, convidei o Prof. Faria para ser meu entrevistado e, novamente, tive oportunidade de ouvi-lo e tivemos algumas frutíferas discussões. Foi através desta *live*, assistida por vários de seus ex-alunos e orientandos, que surgiu o convite para que eu escrevesse essas linhas.

Nas seguintes seções, vou tentar transmitir porque o pensamento e a pessoa do professor Faria são tão importantes para minha constituição, discutindo três características marcantes e completamente relacionadas de sua pessoa, obra e trajetória: a docência, a militância política e o seu pensamento. Posteriormente, antes das considerações finais, discuto como vejo a possibilidade de diálogos e conversações com a Economia Política do Poder, assim como suas contribuições do ponto de vista de discurso e linguagem, a partir de uma perspectiva inspirada, sobretudo, na filosofia deleuziana.

A DOCÊNCIA

Ter aula com o Prof. Faria é uma experiência única. Em anos de sala de aula, eu particularmente nunca vi nada parecido. Além de ter muito conteúdo e incentivar bastante o debate e a manifestação do contraditório, é um professor extremamente didático, com uma rara capacidade de explicar assuntos e conceitos complexos de uma forma que chegam a parecer simples. É o tipo de professor que vai crescendo a cada pergunta e questionamento e que – pela própria natureza do que ensina – consegue fazer com que os próprios estudantes visualizem as fragilidades e contradições nos seus próprios argumentos. Isso em um ambiente marcado pela democracia, pela discussão saudável e sem necessidade de humilhar e nem expor ninguém

negativamente, simplesmente pela força e solidez dos argumentos que apresenta, fruto de anos de reflexão, estudos e de uma práxis como pesquisador crítico, gestor universitário e militante político.

Lembro-me que as disciplinas que ministrava possuíam um conteúdo bastante denso, mesmo para o nível de um mestrado *stricto sensu*, com uma carga de leitura bastante exigente. Em geral, tínhamos que ler um livro por semana, começando pelo primeiro tomo de O Capital, e fazer uma resenha crítica sobre o texto. A cada resenha, eu aproveitava para colocar todas as minhas dúvidas, críticas e questionamentos – muitos delas que posteriormente percebi que eram extremamente frágeis – acerca não apenas da obra que estávamos lendo, mas sim das limitações que eu via no marxismo de uma forma geral, trazendo outros autores para discutir e para sustentar meus argumentos. Eu nunca fiquei sem resposta. O Prof. Faria fazia questão de não apenas me responder detalhadamente a cada uma dessas provocações, mostrando-me onde eu estava me equivocando ou mesmo reconhecendo humildemente que determinado tema não havia sido tratado por Marx, por ele mesmo ou por qualquer autor que estávamos discutindo. Alguns dos meus maiores aprendizados estavam nestas respostas e no diálogo que isso gerava. Em determinadas situações, ele me possibilitou inclusive aprender mais sobre os autores que eu trouxe para criticá-lo. O conceito de classe social, em Bourdieu, é apenas um exemplo disso, onde em uma dessas resenhas ele me respondeu, de forma brilhante, algo como: "Estamos falando de conceitos diferentes: classe para Marx é inserção no processo produtivo, para Bourdieu é posição na estrutura social".

Essas leituras sobre as resenhas dos alunos, que ele fazia em voz alta no início de cada aula, se converteram nos pontos altos das mesmas. Lembro-me que meus próprios colegas estavam ansiosos por ver as respostas, já que sabiam que eu intencionalmente lhe provocava, não necessariamente por não estar de acordo com o seu pensamento, mas porque buscava respostas que não encontrava nos textos ou porque achava que

outros autores ou abordagens explicavam de forma mais adequada determinado assunto. Na maior parte das vezes, ficava evidente que me faltava ainda muita leitura para ter condições de discutir o que me propunha com mais propriedade. De todo modo, nunca me senti constrangido ou fui ignorado. Pelo contrário, fui incentivado e eram nessas discussões em que, ao mesmo tempo em que eu ia fortalecendo minha capacidade de argumentação, mais evidente se tornava aos meus olhos a solidez do seu pensamento, assim como da tradição teórica da qual ele é herdeiro e que desenvolvia de forma brilhante no campo dos Estudos Organizacionais.

O que ficou claro em todo esse tempo e inclusive nos diálogos que temos construído recentemente, é que ainda que o Prof. Faria escreva muito bem e de uma forma extremamente clara, talvez fosse impossível capturar certas nuances e detalhes do seu modo de pensar e da abordagem que propõe se não fosse através dos debates e das discussões com ele. Ao mesmo tempo, seria também muito difícil conseguir enxergar onde residiam as fragilidades e contradições nos meus argumentos caso ele não as expusesse. E isso, para mim, considero um presente: a crítica construtiva como um ato de carinho. Sem dúvidas, as aulas, diálogos e discussões com ele foram fundamentais no meu processo de aprendizado. Nas mesmas "Considerações Iniciais e Agradecimentos" da "Economia Política do Poder", ele faz um belo agradecimento a alguns dos professores que lhe serviram de modelo. E termina um parágrafo dizendo:

Assim, permito-me agradecer a todos os meus professores e homenagear colegas e amigos professores que acreditam que ser um bom professor é o posto máximo a que se deve permanentemente almejar na carreira docente.

A partir desse trecho, concluo essa seção com três pequenas reflexões. A primeira é que em todo o tempo que fui seu aluno, presenciei na sua prática docente o que ele expõe nessas linhas: isso nunca foram palavras jogadas ao vento. O segundo é que creio que ele superou seus próprios objetivos, já que eu diria que bom professor é

bastante modesto e certamente muitos dos seus alunos estariam de acordo comigo. Tive vários bons professores, ele é um professor exemplar e muito acima do que se pode considerar bom. Por fim, o que está escrito nessas linhas e o que pude presenciar na sua postura docente se tornou também o meu objetivo quando comecei a lecionar, ou seja, o aprendizado com ele não se limitou às questões teóricas, mas também do ponto de vista pedagógico.

A MILITÂNCIA POLÍTICA

Uma das maiores contribuições da Economia Política do Poder e da convivência com o professor Faria, assim como onde melhor pude compreender o poder dos seus conceitos, foi através da militância política. Como comentei anteriormente, tive uma participação ativa no movimento estudantil universitário, ocupando posições de liderança em várias organizações do movimento. Fui membro da diretoria do Centro Acadêmico de Administração da UFPR, depois representante do conjunto dos estudantes de Administração no Estado do Paraná e, entre uma infinidade de movimentos e histórias, defendi minha dissertação de mestrado sendo representante de turma, dos estudantes de pós-graduação *stricto sensu* em Administração e de todos os estudantes de pós-graduação *stricto sensu* da UFPR, ocupando uma cadeira nos Conselhos Superiores da Universidade. Na minha vida universitária, da graduação ao mestrado, o movimento estudantil foi parte central da minha experiência e formação.

Além disso, o grupo no qual eu militava ocupava espaços na União Paranaense dos Estudantes, na União Nacional dos Estudantes, no Diretório Central dos Estudantes da UFPR e no próprio Partido dos Trabalhadores. Poderia dizer, sem nenhuma dúvida, que durante esses anos o coletivo ao qual eu pertencia foi dos mais ativos e importantes não apenas em nossa Universidade, mas também em âmbito nacional no movimento estudantil. Em todo esse processo, a Economia Política do Poder estava presente em

minhas ações e reflexões e que, pelos próprios debates e diálogos que estimulávamos, acabou também sendo parte das ações e reflexões coletivas desses grupos.

A Economia Política do Poder me serviu como norte intelectual e me fez perceber determinadas complexidades e contradições que não seriam possíveis de outra forma. Ao mesmo tempo, era nas práticas de luta e construção do nosso movimento que alguns dos conceitos que eu tinha aprendido nos livros se tornavam cada vez mais claros, em uma verdadeira experiência epistemológica em que a práxis é central. Ainda que a EPP estabeleça claramente seus limites dentro das organizações sob o domínio do capital, é inegável que alguns dos conceitos que apresenta e discute também estão presentes em outros campos e organizações.

Destaco três aprendizados e contribuições da obra do professor Faria à minha militância política e ao aprendizado que obtive nesse processo. O primeiro deles é de conseguir compreender, na práxis, que o poder é realmente uma capacidade coletiva. Qualquer um que se proponha a transformar determinada realidade deveria se dar de conta de que, sozinho, é impossível e um projeto quixotesco. Parece básico, mas ainda há uma infinidade de teorias e abordagens que colocam o poder no indivíduo ou mesmo que o colocam em todo e qualquer lugar, o que acaba por não explicar nada. A discussão sobre poder – sobre sua natureza relacional e coletiva, assim como sua manifestação através de formas de controle objetivas e subjetivas – é, para mim, uma das maiores contribuições da Economia Política do Poder. Não conheço nenhuma outra abordagem que trate esse tema de forma tão precisa e profunda como no caso dessa obra.

A segunda de suas grandes contribuições está representada nessas linhas:

[...] os trabalhadores se defrontam com uma luta que possui duas fronteiras e que, portanto, se opera em duas direções: a que se realiza contra um sistema

econômico, sua política, suas leis e sua ideologia; a que se realiza em sua própria trincheira, nas organizações políticas criadas para sua defesa, resistência, enfrentamento e transformação. Enquanto no primeiro caso os trabalhadores se defrontam com o poder do capital e suas formas de controle sobre o processo de trabalho, no segundo se defrontam contra a formação de autênticas oligarquias políticas em suas próprias organizações (Faria, 2004, p. 20).

Na minha experiência como militante, foi muito importante estar atento a essa questão, o que nos ajudou basicamente em dois sentidos. No primeiro deles, para manter uma vigilância constante na tentativa de impedir a nós mesmos de formar essas oligarquias nas organizações e movimentos nos quais criamos ou nos quais exercíamos liderança. No segundo, em identificar essas oligarquias e visualizar de forma clara quando, em muitas situações, os meios se tornavam os fins. E que determinados privilégios, ainda que simbólicos, acabavam se tornando mais importantes para determinados grupos do que as razões pelas quais as organizações de luta foram criadas. Nesses dois casos, a radicalização da democracia e um debate incessante foram sempre as saídas, ainda que com todos percalços e desafios que são inerentes à disputa política.

A terceira de suas contribuições está em compreender, através da práxis, que a Economia Política do Poder, a Teoria Crítica de inspiração marxista e o próprio materialismo histórico e dialético, diferente de outras epistemologias e abordagens teóricas, não visam apenas explicar o mundo, e sim transformá-lo. E que sem deixar de lado a importância do pensamento nesse processo, é na práxis transformadora que seus conceitos mostram suas forças e fragilidades. Nesse sentido, foi na militância real e em diferentes experiências na vida organizacional que mais pude aprender sobre alguns dos conceitos discutidos em sua obra. De certo modo, só se aprende sobre o mundo quando se tenta transformá-lo, quando se busca modificar as relações de poder que estão estabelecidas em determinado momento histórico e quando essa experiência é acompanhada por uma reflexão teórica sobre a mesma, em que a

primazia é sempre da realidade. Na minha experiência pessoal como militante, a Economia Política do Poder foi a mais poderosa das ferramentas: não apenas pelas inovações conceituais que apresenta, mas pela tradição ontológica, epistemológica, teórica e crítica da qual bebeu e que possibilitou sua existência.

O PENSAMENTO

Como já disse anteriormente, não pretendo discutir em detalhe a obra do Professor José Henrique de Faria nesse texto. Isso demandaria um esforço de outra natureza, seria inviável nesse espaço e certamente há estudiosos de sua obra que têm mais competência para isso. O que pretendo fazer aqui é simplesmente escrever algumas linhas explicando porque seu pensamento exerceu e exerce em mim, que não estou vinculado à uma tradição marxista, uma influência tão marcante.

Dentro das inúmeras vertentes do marxismo, é na Teoria Crítica que encontro seu maior poder explicativo e originalidade. Quando me refiro à Teoria Crítica, estou me referindo especificamente à primeira fase da Escola de Frankfurt, que parte do materialismo histórico e dialético e incorpora outras tradições e disciplinas ao pensamento de Marx, em que são marcantes a presença da psicanálise freudiana e dos estudos weberianos sobre dominação, racionalidade e burocracia. Eu conheci a Teoria Crítica através do prof. José Henrique de Faria e, ainda que o mesmo atualmente tenha se desvinculado da mesma do ponto de vista do método ou lhe dado outro encaminhamento epistemológico através da Epistemologia Crítica do Concreto, quando o conheci ele era o maior nome da Teoria Crítica nos Estudos Organizacionais de orientação marxista no Brasil.

Isso significa que ainda que posteriormente e até hoje eu siga estudando alguns desses autores que estão vinculados ou próximos à essa tradição de pensamento, meu contato mais profundo com essa forma de marxismo interdisciplinar se deu

primeiramente através da Economia Política do Poder. Do meu ponto de vista, essa forma de marxismo é das mais poderosas correntes de pensamento que explicam não apenas como o capitalismo se reproduz do ponto de vista objetivo, mas como se utiliza da subjetividade humana para isso, investindo sobre a mesma e sofisticando suas formas de controle. A Economia Política do Poder apresenta uma poderosa explicação da complexa relação entre a produção social da realidade material da vida com as instâncias psíquicas humanas. Um dos melhores exemplos da originalidade dessa abordagem está na explicação do processo de sequestro da subjetividade dos trabalhadores por parte do capital.

É exatamente a partir da compreensão desses processos que fica evidente os objetivos e poder dessa abordagem que, como bem manda a tradição, faz emergir as contradições do sistema capitalista. Do ponto de vista da Economia Política do Poder em concreto, seja na sua fase frankfurtiana ou agora nesse retorno ao método em Marx, uma das suas grandes contribuições é apresentar como esse processo se dá atualmente nas organizações sob o comando do capital, com toda complexidade que possui os processos de trabalho nas organizações contemporâneas. E, não apenas apoiando-se em um marxismo que já é interdisciplinar desde os teóricos da Escola de Frankfurt, mas trazendo aprendizagens de outras correntes de pensamento não necessariamente marxistas e que contribuem para uma melhor compreensão dos processos de trabalho nos Estudos Organizacionais. Além disso, e não menos importante, realiza uma crítica radical à ideologia gerencialista que é travestida de teoria, assim como propõe ferramentas conceituais que possam servir de auxílio às lutas da classe trabalhadora. De certo modo, o que se propõe a Economia Política do Poder é fazer emergir as contradições não apenas do sistema capitalista contemporâneo, mas dos processos organizacionais que possibilitam sua reprodução e das ideologias que lhe legitimam.

Por fim, há algo que não diz respeito necessariamente ao marxismo, à Teoria Crítica e nem à Economia Política do Poder, mas sim ao modo como o professor José Henrique de Faria concretiza seu pensamento através da linguagem escrita em sua obra. Sua escrita é extremamente detalhista, profunda e rigorosa. Nota-se a cada linha o cuidado com os conceitos utilizados e o modo como esses conceitos e análises se relacionam com o conjunto da obra. Há uma busca constante por precisão conceitual e uma admirável coerência epistemológica, teórica e metodológica. É raro encontrar, mesmo em grandes obras das humanidades, tamanha clareza em explicar seus pontos de partida, seus objetivos e ao que se refere exatamente ao realizar suas críticas e discussões. Nesse sentido, sua escrita é impressionante e, além disso, é visível como seu pensamento vai operando de forma lógica e dialética, nesse esforço constante e disciplinado por trazer o real concreto para o real pensado através da linguagem escrita, assim como de comunicar de forma clara quais são as múltiplas determinações da realidade que ele se propõe a investigar. Em resumo, há poucos pesquisadores que escrevem como o Prof. Faria. E não falo apenas da Administração ou dos Estudos Organizacionais, nem mesmo me restrinjo ao Brasil.

FILOSOFIA DA LINGUAGEM E ECONOMIA POLÍTICA DO PODER

Possivelmente quem chegou até aqui possa estar se perguntando: se você encontra todas essas respostas na Economia Política do Poder e mesmo no pensamento do professor Faria, quais são as suas divergências? Minhas divergências, que vou tentar explicar da forma mais sintética possível, é que a partir do pensamento de Wittgenstein, Nietzsche e especialmente de Deleuze, tenho muitas dúvidas com respeito ao paradigma representacional da linguagem, da qual a tradição marxista faz parte. De algum modo, quando o objetivo do método em Marx é apreender o real concreto e representá-lo através do real pensado, a função da linguagem e do pensamento é, sobretudo, representar a realidade. Não compartilho desses pressupostos, ou ao menos não em sua totalidade. E tenho claro que discutir aqui um

dos temas mais caros à própria história recente da Filosofia nos levaria a uma elaboração muito mais longa e complexa do que essa proposta. De qualquer modo, isso não é uma crítica ao trabalho do professor Faria ou mesmo o reconhecimento de alguma fragilidade em sua obra, pelo contrário, se trata simplesmente de deixar claro que minha escolha epistemológica é outra.

No meu caso, entendo que a linguagem, ao lado do trabalho e da sexualidade – e isso também explica o enorme valor que eu atribuo ao pensamento de Marx e de Freud – é também um elemento fundante da ontologia social e central na reprodução da sociedade. Atribuir essa relevância à linguagem, tratando-a como sujeito e não como um predicado, é uma divergência filosófica importante. Entretanto, e creio que vale a pena repetir, compreendo que o trabalho e a sexualidade também são elementos fundantes e centrais na reprodução social. Em resumo, no meu modo de compreender a realidade, se não há trabalho, se não há sexo e se não há linguagem, a sociedade não pode mais se reproduzir enquanto sociedade. E entendo que qualquer um que busque compreender melhor a realidade deveria, pelo menos, prestar atenção a esses elementos, assim como no modo como se articulam e condicionam a vida social. Tendo isso como pressuposto, é impossível negar o valor de uma tradição de pensamento que busca integrar as concepções e conceitos de Marx e Freud em um mesmo esforço teórico, como é o caso da Teoria Crítica.

Apesar dessa importante divergência acerca da natureza da linguagem e da realidade, que levaria essa discussão para o terreno da ontologia e da epistemologia, é necessário um esclarecimento importante. Apesar de entender que as concepções apresentadas por Wittgenstein e Nietzsche – ainda que também partindo de perspectivas completamente diferentes – sobre a natureza da linguagem desafiam a capacidade representacional da mesma, recuso completamente a certo pós-modernismo vulgar que afirma que tudo é linguagem, tudo é discurso, tudo é interpretação. Isso acaba por empobrecer essas tradições filosóficas que alguns dizem representar e, mais do que

isso, evidenciam uma compreensão bastante equivocada a respeito do trabalho desses pensadores. Na atividade científica, mesmo que se assumam as limitações da capacidade representacional da linguagem, não se pode deixar de lado uma postura ética e procedimentos metodológicos que busquem e concretizem, pelo menos, uma intenção de verdade. Do contrário, a ciência vira um vale tudo onde o que predomina é a ideologia.

Ainda que o conceito de verdade ou mesmo da própria natureza da realidade possa estar sob discussão dentro das perspectivas apresentadas por Wittgenstein, Nietzsche e Deleuze, entendo que: (i) há uma realidade concreta exterior a nós e temos impressões a respeito da mesma; (ii) essas impressões ganham uma forma e um sentido, ainda que primário, através da relação entre essa realidade e nossas faculdades humanas e biológicas (sentidos, instintos, psique, cognição etc.); (iii) essa realidade, no seu aspecto social, é construída historicamente e os processos de produção material das condições de existência condicionam a natureza dessa realidade; (iv) nos relacionamos com essa realidade objetiva e as relações de poder estabelecidas condicionam nosso potencial para transformá-la; (v) na relação que estabelecemos com essa realidade, nos constituímos como sujeitos individuais e coletivos, elaboramos intelectual e emocionalmente sobre o conteúdo da mesma, sobre nós mesmos e sobre a própria relação que estabelecemos com essa realidade; (vi) nessa relação e nas elaborações que fazemos nesse processo, a linguagem ocupa papel central; (vii) não há pensamento fora da linguagem e é a própria linguagem, intersubjetivamente compartilhada, que possibilita nossa relação com a realidade social, já que é mediadora dessa relação; (viii) os discursos historicamente construídos acerca da natureza dessa realidade, assim como do que é considerado verdadeiro e significativo na mesma, possuem efeitos e implicações profundos, já que são elementos centrais nos processos de subjetivação e na construção do que Deleuze chama de imagem do pensamento.

Essa elaboração é apenas uma simplificação acerca de processos extremamente complexos – de nenhuma maneira lineares ou mesmo esquemáticos – sobre os quais se debruçaram algumas das mentes mais brilhantes na história do pensamento para tentar explicá-los. Cada um desses pontos apresentados acima poderia ser um postulado, com a merecida reflexão que necessitam. De qualquer modo, essa discussão nunca irá terminar, já que a linguagem não tem condições de representar toda a complexidade disso que chamamos de realidade. No meu caso em específico, nem de longe tenho essa pretensão. É simplesmente uma tentativa de sistematizar – consciente das minhas limitações e dos próprios limites da função representacional da linguagem – um pouco da complexidade que estão presentes nos processos de construção da realidade social e do conhecimento humano. E, ao mesmo tempo, delimitar o espaço teórico de onde eu falo, colocar em evidência quais elementos eu destaco nesses processos e deixar claro a partir de quais pressupostos eu escrevo essas linhas, evitando assim mal-entendidos e incompreensões.

Se utilizamos o campo de produção de conhecimento científico como exemplo, podemos compreender melhor como operam alguns dos conceitos de Wittgenstein e de Deleuze. Não nego que haja intenção de verdade em muitas das pesquisas realizadas e nem mesmo que os paradigmas e métodos utilizados busquem, com maior ou menor riqueza, representar determinada realidade estudada. Tampouco deixemos de lado as disputas por capital simbólico e todas as relações de poder existentes no campo científico, discutidas de forma tão competente por Bourdieu. Também não se pode esquecer que muitas das pesquisas científicas visam apenas legitimar e manter o atual estado de coisas, como aponta a própria Economia Política do Poder e outras perspectivas críticas. Entretanto, há muito mais do que isso em jogo.

Há, sobretudo, regras. Para participar da produção científica, é necessário conhecer e adotar minimamente suas regras, que são histórica e culturalmente estabelecidas. Se um trabalho científico não obedecer às regras básicas da própria gramática ou mesmo

de formatação, não será realizado, concretizado e compartilhado, por melhor que o estudo em questão busque representar determinada realidade. A prática científica, como qualquer prática social, é um jogo de linguagem em que se entrelaçam realidade e linguagem. Além disso, não é apenas uma suposta busca pela verdade que movimentam o campo, já que categorias como Interessante, Notável e Importante são tão ou mais relevantes que uma intenção de verdade na própria história do conhecimento. São apenas alguns exemplos, com os quais pretendo mostrar porque, para mim, é impossível desconsiderar as rupturas que a filosofia da linguagem realiza do ponto de vista epistemológico. Dito isso, e considerando todas as contribuições que deixei claro que a Economia Política do Poder teve na minha trajetória, destaco alguns elementos que me fazem seguir próximo do pensamento do professor Faria, ainda que essa proximidade aconteça a partir de outro paradigma.

Se nas seções anteriores eu busquei ser o mais fiel possível aos fundamentos da Economia Política do Poder, discutindo suas influências em minha trajetória e buscando não retirá-la do seu local de origem, aqui eu apresento o meu olhar particular sobre o sua obra, construído a partir de uma influência marcadamente deleuziana. Se é a partir do materialismo histórico e dialético que o professor Faria discute e critica - algumas vezes de forma demolidora - outras abordagens teóricas, aqui tomo a liberdade de fazer um exercício similar, ainda que muito mais simples e sintético, que é basicamente responder às seguintes perguntas: A partir de um pensamento que é inspirado pela filosofia deleuziana, onde você vê a aproximação com a Economia Política do Poder? De onde surge sua admiração por essa abordagem teórica ao tratá-la como discurso e a linguagem?

Primeiramente, é importante mencionar que Deleuze deixou um texto inacabado sobre Marx, em que infelizmente não tivemos acesso ao que pensava sobre o mesmo em mais detalhe, mas que pelo título já se pode tirar algumas conclusões: "A Grandeza de Marx" (tradução minha, do espanhol). De qualquer modo, há pistas importantes da

relevância que teve o pensamento de Marx para o filósofo francês, especialmente na compreensão do sistema capitalista. Creio que esse trecho de uma entrevista, já na maturidade de Deleuze, é bem representativo da admiração que tinha pelo seu pensamento e também pelo de Freud:

[...] os novos filósofos, quando denunciam Marx, não fazem em absoluto uma nova análise do capital, que com eles, misteriosamente, perde toda existência, mas denunciam consequências políticas e éticas stalinistas que eles supõem decorrer de Marx. Eles estão mais próximos daqueles que culpavam Freud de consequências imorais, o que nada tem a ver com filosofia (Deleuze, 1992, p. 181).

Creio que há um ponto de encontro que permite o diálogo frutífero entre Marx e Deleuze: através das implicações do pensamento desses dois filósofos para a prática política. E, por consequência, das contribuições que possui o pensamento marxista não dogmático, em que a Economia Política do Poder é um exemplo, para um pensamento que tem em Deleuze sua maior fonte de inspiração. Ainda que possa haver divergências com respeito ao olhar sobre a realidade ou inclusive sobre os modos pelos quais se organiza e se efetiva a mudança social, a prática política inspirada em Marx e Deleuze possui elementos em comuns que são muito importantes: realizam uma crítica radical ao capitalismo como forma de vida, como sistema de reprodução social e reconhecem os mecanismos de controle como fundamentos da sociedade contemporânea.

Além disso tudo, me parece ingênuo e até mesmo impossível fazer uma crítica sólida ao sistema capitalista abdicando do pensamento de Marx e não dialogando com o mesmo, independente de onde seja o ponto de partida da crítica. De alguma forma, ainda que partindo de dois sistemas de pensamentos muito diferentes e com interesses de estudos diversos, arrisco dizer que é Marx que aterriza Deleuze na história. Talvez as seguintes palavras representem melhor o que quero dizer:

Que é que reúne ambos em uma mesma linha, em um mesmo esforço teórico? Certamente não será um caráter dialético, hegeliano ou metódico-estrutural do modo de compreensão filosófico. Tampouco transitará por pretensões ontológicas ou sistêmicas. Os pontos de encontro entre ambos se localizam claramente no campo do político, e isso, sobretudo enquanto estamos frente a uma forma de crítica descarnada ao capitalismo como modo homogeneizante do vital [...] Todo ponto de partida para uma análise entre ambos autores terá, portanto, que considerar, epistemologicamente, a necessidade da sociedade em Marx como uma organização que determina as relações do sujeito político (Pulgar Moya & Narváez León, 2019, pp. 37/42 – tradução minha)

Adicionalmente a esse possível encontro no plano da política e da crítica social, há algo admirável na Economia Política do Poder e que diz respeito ao seu valor enquanto força criadora. Essa obra se constitui enquanto um discurso crítico exatamente dentro de um espaço em que reinam os discursos que visam à manutenção e legitimação da ordem social existente, que é o campo da Administração. É a potência da diferença em um território marcado pela repetição. Ainda que isso não seja pouco, não se trata apenas disso. A Economia Política do Poder não é somente uma teoria explicativa de uma realidade e que busca contribuir para sua transformação, ela é um artefato de linguagem que possui seu valor também do ponto de vista estético. Como afirma sabiamente Deleuze, não há superioridade entre Filosofia, Arte ou Ciência, todas estas são as atividades onde os seres humanos manifestam suas potências criativas. E são os autores dessas obras que forçam a linguagem ao limite para marcar as diferenças entre textos filosóficos, artísticos ou científicos. Em alguns casos, certas obras habitam um território que está nesses limites, em que todos esses elementos estão presentes e as categorizações são artificiais, reducionistas e acabam por delimitar o potencial da própria obra.

É assim que vejo a Economia Política do Poder: como uma produção social no campo das ciências humanas, como uma abordagem filosófica e reflexiva sobre o mundo em

que vivemos e também como uma obra de arte capaz não apenas de transmitir somente conceitos, mas também afectos e perceptos que tem capacidade de impactar emocionalmente os seus leitores. Obra essa que é assinada por um ser humano que possui um cérebro privilegiado e muita sensibilidade sobre a realidade que se debruça a investigar. E, não menos importante, por um professor e pesquisador que manifesta um desejo sincero em participar na construção de uma sociedade justa, verdadeiramente democrática e em que todos os sujeitos sejam a origem e o principal objetivo da vida coletiva. É nesse sentido que minha aproximação com o campo da filosofia da linguagem e da própria literatura, que em teoria poderia me afastar da EPP, na verdade me deixa ainda mais próximo: porque vejo o seu enorme valor também a partir dessas perspectivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vias de conclusão, diria que possivelmente há bastante fragilidades nessas reflexões ousadas e uma série de intenções não realizadas. Poderia também ser acusado, assim como foi Deleuze por alguns de seus críticos, de terminar esse texto em uma terra de ninguém: por um lado, usei da obra do professor Faria para desenvolver meus próprios argumentos e reflexões; por outro, talvez não tenha trazido nenhuma contribuição original que já não estivesse contida na própria Economia Política do Poder, na Teoria Crítica, no marxismo e nas próprias discussões sobre linguagem que apresentam Wittgenstein, Nietzsche e Deleuze. Sendo bastante sincero, isso não me preocupa, já que minha grande motivação foi prestar uma homenagem a um pensador pelo qual nutro uma profunda admiração intelectual e explicar porque, apesar de nossas diferenças, acredito que há um enorme território para diálogos e conversações.

De forma inesperada, esse convite da Revista Farol me forçou a materializar algumas reflexões que eu já vinha realizando há bastante tempo. E reconheço que esse texto, de certo modo, marca minha despedida da fenomenologia e do construtivismo social,

paradigmas que foram bastante importantes na minha formação e no qual me apoiei para construir alguns modestos trabalhos no campo dos Estudos Organizacionais. E, ao mesmo tempo, deixa claro o profundo impacto que as filosofias de Wittgenstein e Nietzsche tiveram no meu modo de compreender o mundo. Talvez o que seja mais relevante é que essas reflexões apresentam um estilo e uma forma de pensar que encontram na filosofia de Deleuze sua maior inspiração criativa, ainda que eu tenha toda a clareza de que ser deleuziano é praticamente uma impossibilidade lógica. Isso porque Deleuze acreditava que as correntes mais prendem do que libertam e, portanto, ele acreditava muito mais em movimentos. E estimulava que seus conceitos fossem usados de maneira livre a partir das contingências e necessidades que a vida concreta colocava ao ato de pensar. Deleuze incentivou, a partir de sua obra, que cada um despertasse as forças do próprio pensamento, de maneira que o mesmo pudesse atuar como potência criadora, inventando novos modos de existência, segundo regras próprias, capazes de resistir ao poder estabelecido, assim como se furtar ao saber existente. Por fim, como não poderia deixar de ser, é aqui também que eu registro meu tributo intelectual à Economia Política do Poder e ao pensamento do professor Faria em todo esse processo de aprendizagem que é, como diz Deleuze, uma tarefa infinita.

Apesar de qualquer diferença que haja com o professor Faria do ponto de vista teórico, gostaria de pensar que na condição de sujeitos nós fazemos parte de um mesmo movimento. E que o mesmo objetiva realizar, de forma similar (mas não equivalente), parte do que propõe Axel Honneth como programa para a Teoria Crítica do século XXI: construir uma forma de reflexão historicamente ativa, denunciando as patologias da razão forjadas pelo sistema capitalista, sem nunca abandonar um interesse emancipatório e transformador. Se atualmente o professor Faria prefere dar um outro encaminhamento epistemológico à Teoria Crítica, voltando ao método em Marx, eu particularmente reconheço nesse movimento a característica de um grande pensador. Certamente esse retorno nos brindará com reflexões ainda mais interessantes e compreendo que isso é condição necessária para sua criação, assim como para manter

uma coerência dentro do seu próprio sistema de pensamento. No fim das contas, como nos ensina Deleuze, uma trajetória intelectual é feita de crises e abalos, fruto do conjunto de crises que esse pensamento atravessa, se parecendo mais a uma cadeia vulcânica do que a um sistema tranquilo e próximo do equilíbrio.

Para finalizar essa singela e modesta homenagem ao Professor José Henrique de Faria, agradeço ao convite da Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade pela oportunidade, parablenzo aos mesmos pela iniciativa e transcrevo o que escrevi no capítulo de agradecimentos da minha dissertação de mestrado. Ainda que tenha escrito isso há mais de 10 anos, segue mais atual do que nunca:

Tenho também que fazer um agradecimento especial a um professor, pesquisador crítico, militante de esquerda, pensador e ser humano que tem meu profundo respeito e a mais sincera admiração: José Henrique de Faria. Tenho o maior orgulho em dizer que fui seu aluno e quando entrei em contato com sua obra e pessoa, me transformei radicalmente. Sua postura corajosa, sua atenção constante, sua dedicação em sala de aula e sua clareza ao falar e escrever é algo que serve como um modelo para mim. Seus ensinamentos foram tantos e a profundidade com que discute, tanto de forma verbal como escrita, temas tão complexos e contraditórios me fizeram ser seu admirador. Conhecer a profundidade e beleza do pensamento de Marx, de Freud e da Escola de Frankfurt com um sábio como ele foi um privilégio. Embora essa dissertação não compartilhe dos pressupostos epistemológicos e teóricos que esse pesquisador adota, sua influência em meu pensamento é evidente. E me ensinar, tanto na teoria como na prática, que o mais alto posto que se pode almejar na carreira acadêmica é ser um bom professor é algo que levarei sempre comigo. Se um dia me perguntarem se conheci alguém que está próximo à genialidade, eu sem hesitar citaria o nome desse homem.

Madrid, 28/11/2020.

REFERÊNCIAS

Deleuze, Gilles (1992). *Conversações*. São Paulo: Editora 34.

Deleuze, Gilles (2006). *Diferença e repetição*. São Paulo: Editora Graal.

Deleuze, Gilles & Guattari, Félix (2000). Postulados da linguística In Gilles Deleuze & Feliz Guattari. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (pp. 11-91). São Paulo: Editora 34.

Deleuze, Gilles & Guattari, Félix (1992). *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34.

Faria, José H. (2017). *Poder, controle e gestão*. Curitiba: Juruá.

Faria, José H. (2004). *Economia política do poder: fundamentos (v. 1)*. Curitiba: Juruá, 2004.

Garrido, Luis F. (2017). Sin título. Deleuze 68. Materiales: historia sobre repetición. *Astrolabio. Revista Internacional de Filosofía*, 20, 72-81.

Honneth, Axel (2009). Una patología social de la razón: sobre el legado intelectual de la teoría crítica. In Axel Honneth. *Patologías de la razón – historia y actualidad de la teoría crítica* (pp. 27-53). Madrid: Katz.

Nietzsche, Friedrich (2007). *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*. São Paulo: Hedra.

Pulgar Moya, Pablo, Narváez León, Angelo (2019). Deleuze y la virtual inmanencia de Marx. Elementos primarios. *La Deleuziana – Una Revista Che Desidera. n.spe*, 36-43.

Wittgenstein, Ludwig (1994). *Investigações filosóficas*. Petrópolis: Vozes.

DIÁLOGOS E CONVERSÇÕES COM A ECONOMIA POLÍTICA DO PODER

Resumo

Ao receber esse convite para escrever um texto para compor a edição especial da Revista Farol em homenagem ao professor José Henrique de Faria, busquei transmitir algumas razões pelas quais o pensamento e a pessoa desse professor e pesquisador foram e são tão importantes para minha constituição como ser humano, discutindo três características marcantes e completamente relacionadas de sua pessoa, obra e trajetória: a docência, a militância política e o seu pensamento. Posteriormente, antes das considerações finais, discuto como vejo a possibilidade de diálogos e conversações com a Economia Política do Poder, assim como suas contribuições do ponto de vista de discurso e linguagem, a partir de uma perspectiva inspirada, sobretudo, na filosofia deleuziana.

Palavras-chave

Economia política do poder. Teoria crítica. Filosofia da linguagem.

DIÁLOGOS Y CONVERSACIONES CON LA ECONOMÍA POLÍTICA DEL PODER

Resumen

Cuando recibí esta invitación a escribir un texto para componer la edición especial de la Revista Farol en homenaje al profesor José Henrique de Faria, intenté transmitir algunas razones por las que el pensamiento y la persona de este profesor e investigador fueron y son tan importantes para mi constitución como ser humano, discutiendo tres características notables y completamente relacionadas de su persona, obra y trayectoria: su enseñanza, su militancia política y su pensamiento. Más adelante, antes de las consideraciones finales, discuto cómo veo la posibilidad de diálogos y conversaciones con la Economía Política del Poder, así como sus aportaciones desde el punto de vista del discurso y del lenguaje, desde una perspectiva inspirada, sobre todo, en la filosofía deleuziana.

Palabras clave

Economía política del poder. Teoría crítica. Filosofía del lenguaje.

DIALOGUES AND CONVERSATIONS WITH THE POLITICAL ECONOMY OF POWER

Abstract

When I received this invitation to write a text to compose the special edition of the Revista Farol in honor of Professor José Henrique de Faria, I tried to transmit some reasons why the thought and the person of this professor and researcher were and are so important for my constitution as a human being, discussing three remarkable and completely related characteristics of his person, work, and trajectory: his teaching, his political militancy, and his thought. Later, before the final considerations, I discuss how I see the possibility of dialogues and conversations with the Political Economy of Power, as well as its contributions from the point of view of discourse and language, from a perspective inspired, above all, by Deleuzian philosophy.

Keywords

Political economy of power. Critical theory. Philosophy of language.

CONTRIBUIÇÃO

Diego Iturriet Dias Canhada

O autor declara que realizou todas as etapas associadas ao texto, sendo o único responsável pela sua redação.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade pelo convite para participar desta seção especial e parabenizo a comissão editorial da revista pela iniciativa.

DECLARAÇÃO DE INEDITISMO

O autor declara que a contribuição é inédita.

CONFLITO DE INTERESSES

O autor declara não haver conflito de interesses.

COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO

Canhada, Diego I. D. (2021). Diálogos e conversações com a economia política do poder. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 8(22), 444-471.